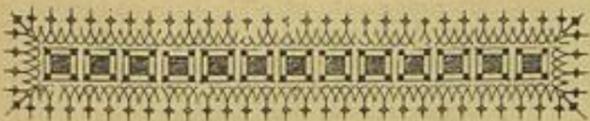


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	21.º Anno — XXI Volume — N.º 693	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 DE MARÇO DE 1898	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Assumi um caracter de excepção: a gravidade a questão entre a republica dos Estados-Unidos e a nossa vizinha Hespanha.

Diz-se que o governo americano aguarda apenas o parecer da commissão encarregada de estudar as causas da explosão do *Maine* para enviar ao general Woodford, ministro plenipotenciario em Madrid, comunicação das reclamações a que julgue encontrar direito.

Para maior gravidade e perigo da causa hespanhola, julga-se provavel uma approximação, verdadeira alliança, entre os dois mais poderosos paizes da America e da Europa, os Estados-Unidos do Norte e a Gran-Bretanha.

O Duque de Westminster, o Duque de Sutherland e o Visconde de Peel julgam essa alliança benefica e poderoso factor para a paz universal.

A paz, comtanto que se obedeça ao mais forte.

O governo norte-americano prepara-se para a lucta, isso é fóra de duvida, compra navios de guerra, e n'elles transforma os da marinha mercante.

A Hespanha pelo seu lado não desanima e captiva todas as sympathias dos velhos paizes da Europa batendo-se, arruinando-se, pela honra do seu nome.

O rompimento das hostilidades parece estar para breve. As consequencias do conflicto podem reflectir-se directa ou indirectamente na marcha dos nossos negocios politicos e bom é que nos preparemos para qualquer eventualidade.

Incommodou-nos muita vez a nossa vizinha, nossa antiga rival em tantas glorias. Entretanto, sempre teve as nossas sympathias a velha nação cavalheiresca, a que tantos laços nos ligam, nossa irmã pela historia, pela raça, pela lingua.

Dêmos-lhe exemplos, hoje d'ella recebemos o mais honroso.

O hespanhol, em meio do cosmopolitismo banal e antipathico, que tudo vai invadindo, conserva o seu caracter, segue as suas tradições.

Puderamos nós fazer o mesmo!

Não ha muito, que nas primeiras cidades de Hespanha se celebrou o centenário de Colombo.

Uma gloria igual vamos nós portuguezes commemorar dentro em pouco. Milhares de estrangeiros vão ser recebidos na capital da velha monarchia. Serão acolhidos como portuguezes sabem acolher hospedes. A commissão do centenário não poupou esforços para que não se arrependam todos os que de longe nos vierem visitar, honrando-nos, e a si mesmo honrando-se.

Mas a maior parte d'elles haverá visto a Hespanha e soube que estava

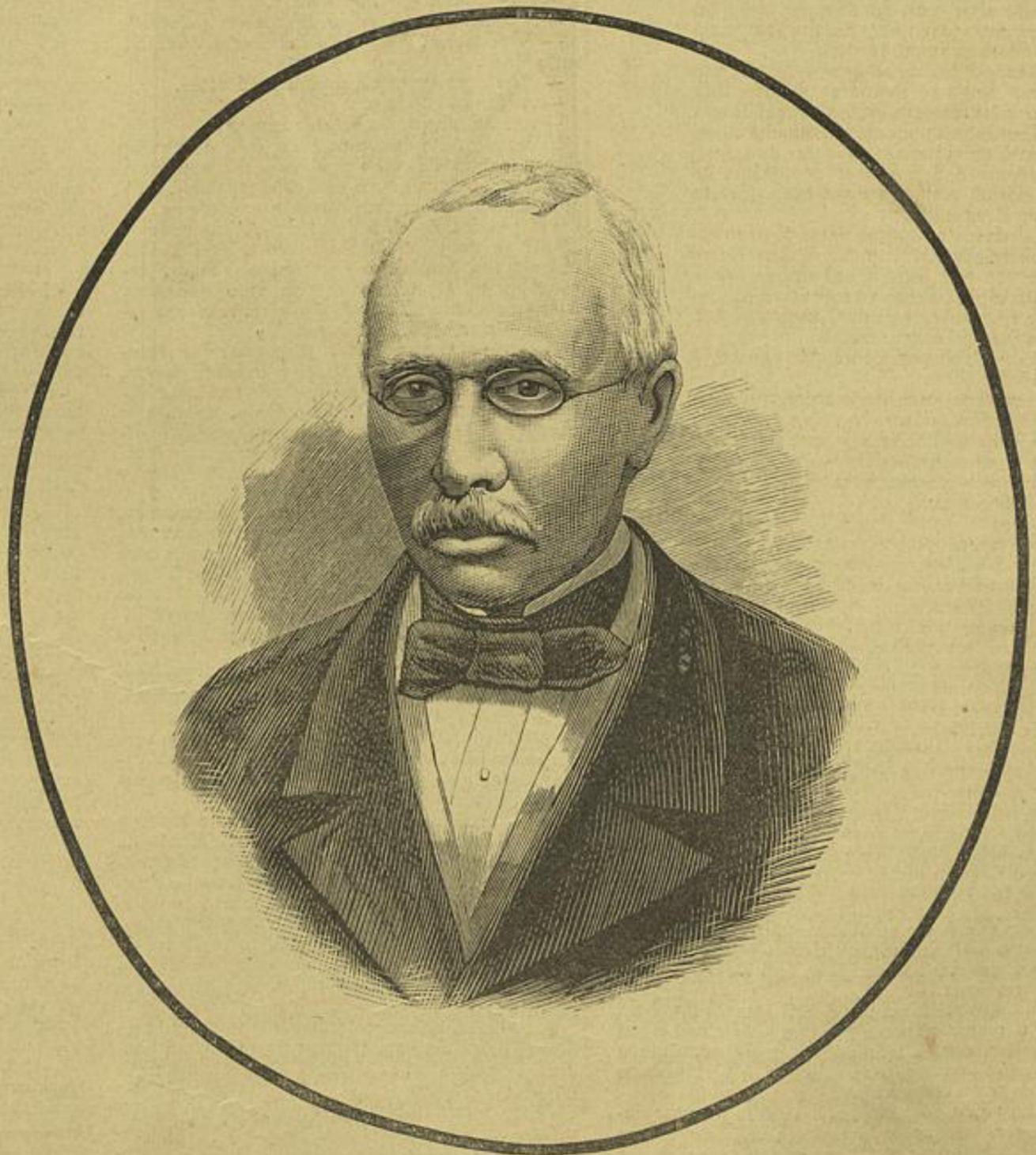
em Hespanha, porque só n'ella poude ver o que ella só possui. Lisboa o que lhe offerece que mostre o caracter d'um povo, o seu amor ás tradições, o que possa differencal-o das outras capitães no que todas tem de mais banal e vulgar?

No convento dos Jeronymos dão mais na vista a impiedade e o desleixo do que os mais bellos rendilhados dos velhos tempos; na torre de Belem o cynismo crasso, a ignorancia vaidosa imprimiram-lhe o sello, mais visivel que as espheras armillares.

E que mais?

Aos milhares accumularia exemplos, se me desse para citar quanta vergonha, quanto crime de lesa-arte, para não dizer peior, foram commettidos nas bochechas indifferentes e adiposas dos que deviam pugnar pela conservação da nossa historia escripta nos marmores, nas madeiras riquissimas, nos bronzes dos nossos templos e monumentos.

Precisa se não torna uma viagem fóra de Lisboa para o convencimento do profundo despreso votado á conservação dos nossos melhores mo-



JOAQUIM DA COSTA CASCAES — FALLECIDO EM 7 DO CORRENTE

numentos, museus vastíssimos de incalculáveis preciosidades.

Arripia-nos a historia dos vandalismos commettidos, embóra não queiramos dar fé á parte que se refere á pouca honradez de muitos, que tiveram a seu cargo o inventario e conservação das enormes riquezas accumuladas nos velhos conventos.

Fala-se em talha riquíssima, obra d'arte de altíssimo valor, vendida por vil preço a um famoso capitalista, que com ella adornou as suas salas e que antes estava destinada a lenha para queimar.

No convento da Madre de Deus, a cujos trabalhos hoje superintende um intelligente e honradissimo engenheiro, fanatico pelo que é nosso, sr. Mendes Guerreiro, e onde póde ser admirada a habilidade do nosso operario, tão pouco cuidado houve a principio, e tamanha falta de respeito pelas bellissimas obras d'arte ali armazenadas, que no claustro, em pilha, expostos ao sol e á chuva, amontoaram, como lixo, esfarrapados, despresados, partidas em bocados as molduras, os quadros de que não entendiam.

No côro dormiam os operarios ignorantes e assavam sardinhas com madeira de espinheiro.

E entretanto n'aquelle templo, n'aquellas salas, e sobretudo no côro e sacristia, é por centenas de contos que ainda devemos avaliar o que poude escapar ao vandalismo.

Na restauração dos azulejos, alguns constituindo verdadeiras raridades, devemos mencionar como dignos do maior elogio o sr. Liberato Telles, encarregado pelo ministerio das obras publicas de vigiar o bom andamento dos trabalhos, e o sr. Pereira Junior, auctor dos dois bellissimos quadros do fundo da igreja, copiados dos antigos paineis gothicos da sacristia, seguramente dos melhores que existem em Portugal.

Dentro em pouco, o templo deverá estar aberto ao culto, talvez ainda antes do centenario da India.

O velho convento da Madre de Deus merece a visita de todos os estrangeiros e junto d'elle o asylo Maria Pia, dirigido pelo sr. padre Coentro, a quem a arte em Portugal deve a maior gratidão, pelo zelo que o digno sacerdote mostrou no salvamento de tanta coisa preciosa, prestes a afogar-se no grande oceano da ignorancia balôfa.

Bem hajam os que assim dão o exemplo nobre do dever cumprido.

Consta-nos que uma nova avenida em projecto ameaça deitar abaixo a igreja dos Anjos, riquissimo monumento de architectura dos seculos XVII e XVIII. Diz-se mais que um novo templo de eguaes dimensões e forma será construido nas proximidades e que para elle serão transportadas, e devidamente collocadas em seus respectivos logares, as formosas molduras de talha e os quadros hoje existentes na freguezia. Bom é que assim seja; mas se a tal despeza não hão de acceder, transforme-se de qualquer forma o projecto e não se destrua o que decerto hoje ninguem sonharia fazer.

É tristissimo o que está succedendo em Portugal, devido á incredulidade de alguns, ao egoismo de outros, a cobardia de muitos, á estupidez de grande parte.

A irreligiosidade ostenta-se com ares triumphantes de philosophia. Triste philosophia em alguns, n'outros simples e antipathica basofia, theorias pomposas, de que mais não sabem que as frases retumbantes que lhes encham a bocca de vento. Junte-se a isto a cobardia dos que alto e bom som deviam declarar as suas opiniões e a sua fé, e, sem um protesto, vemos commetter as monstruosas barbaridades, que tanto offendem os que tambem teem razão para discutir, e, para sentir, um coração a vibrar.

Ainda não ha muito, arrancaram da antiga ponte de Alcantara a bellissima estatua de S. João Nepomuceno, que ali está tristemente no museu do Carmo, fitando os olhos tristes no crucifixo ao lado do Neptuno do Loreto.

Pois não tinham sitio adequado em Lisboa, a ponte de Algés, por exemplo, para collocá-lo?

Nem por ser uma obra d'arte escapou á irreverencia!

Peior que o terramoto de 1755 tem sido para Lisboa o desleixo, a ignorancia, o respeito humano dos que nos hão dirigido, sem fé, sem educação, sem amor.

Tudo imitamos quanto é facil, quanto é vulgar, com o maior desprezo por tanta coisa boa e que era nossa, com a indifferença por quanto ainda hoje entre nós apparece, raio da luz portugueza a apagar-se no crepusculo.

E ha ainda, sem duvida, em Portugal, uma duzia de artistas, que sabem sentir, commover-se com o que foi nosso, procurar nos velhos livros, nos velhos templos, nas velhas historias, nas velhas canções, um nada de vida com que pretendem in-

sufflar um pouco da grande alma n'esses corpos decrepitos. Inutil! A superioridade está no desprezo. O encolher dos hombros é commodo. Os ideaes mudaram. Não vale a pena pregar no deserto, nem os peixinhos estão para repetir milagres.

Chega-se a dar razão aos que só querem demolir, sem lhes importar que não haja quem edifique. Ha, por vezes, motivo para esse desanimo em que tudo nos parece máo, máo sem uma esperança.

Próvéra a Deus que o centenario, que vai celebrar-se, pudesse atirar com algum sangue velho a essas veias vãs de sangue, provar a todos os que nos despresam, que se foram grandes os portuguezes, muitos, excepto elles, ainda são da mesma raça.

João da Camara.

JOAQUIM DA COSTA CASCAES

Com a morte d'este honrado homem desappareceu d'entre nós o ultimo soldado da velha guarda dramatica de Almeida Garrett.

Cascaes foi artilheiro, professor, poeta e dramaturgo; todavia, esta feição ultima da sua actividade é que lhe illuminou o nome, se outra luz igualmente tão pura, o não aureolava superiormente aos olhos de todos os que com elle lidavam, — a d'um character moral sem sombra de mancha.

O seu theatro consta de:

— *O Valido*, drama em 5 actos.

— *O Castello de Faria*, idem.

— *Uma noite de Santo Antonio na Praça da Figueira*, comedia em 3 actos.

— *O Alcaide de Faro*, drama em 5 actos.

— *O Mineiro de Cascaes*, comedia em 1 acto.

— *O estrangeirado*, comedia em 2 actos.

— *Nem russo, nem turco*, idem.

— *A pedra das carapuças*, drama em 4 actos.

— *Nem Cesar, nem João Fernandes*, comedia em 2 actos.

— *A lei dos morgados*, drama em 5 actos.

— *A Caridade*, idem.

— *A inauguração da estatua equestre*.

Excepção feita da ultima peça, «por demandar alguns contos de reis,» as demais todas subiram ao palco, e nunca houve de que arrender, pois que, conforme escrevia o proprio auctor na sua Carta publica de abril de 1862: «A sua generosidade (a do publico) e ao zelo e intelligencia dos actores, devem minhas obras esse favor, demasiado talvez, com que tem sido honradas. Apraz-me confessal-o, que é justiça. A minha ingratidão fôra villania. Isso nunca.»

Referia-se Cascaes ás suas peças representadas até áquella data. E das posteriores (*Cesar*, *Morgados* e *Caridade*) fui testemunha, entre outras que existem (o sr. João Rosa, actor, por exemplo), de que a estima das plateias pelo auctor portuguezissimo e muito de sua antiga affeição, não lhe faltou ainda d'esta vez com o «favor demasiado.»

Bellos episodios d'entusiasmo expontaneo, sem *claque* nem *partidos*, podia contar aqui; das noites da *Lei dos Morgados*, representada com convicção por Emilia das Neves, Delfina, Tasso, Theodorico (já fallecidos) e tambem pelo sr. João Rosa, que se desempenhou superiormente do ingrato papel de filho segundo. Cascaes abraçou-o agradecendo-lhe a sua dedicação.

Podíamos contar, por exemplo, como Theodorico, vindo que Cascaes, a dentro dos bastidores, se esquivava á ovação e aos brados e clamores da plateia inteira, que o chamava, trouxe-o suspenso até junto da ribalta, e alli o conteve, ao illustre velho, que limpava as lagrimas a furto enquanto todos o aclamavam.

Pois, meus senhores, a triumphante historia d'este auctor dramatico, em parte indicada de passagem por elle mesmo, e no restante testemunhada por muitos vivos, não obsteu a que certo jornal da capital, a proposito da morte do velho dramaturgo, escrevesse, que ao assistir á representação das suas peças «o publico estoirava de aborrecimento,» e que algumas vezes o empresario teve de «vir acordar o publico á plateia, para sahir!»

E Cascaes, no seu reconhecimento aos favores do publico e actores, esquece de incluir tão bondoso empresario!!! Sempre alguma coisa tinha d'ingrato.

Outro jornal referindo-se ainda ao seu fallecimento em uma noticia fugidia, segue logo adiante, em outra local, participando a enorme calamidade da morte de Frascuelo, e lamentando-se de não ter á mão elementos para constituir a bio-

graphia d'esse benemerito da humanidade, promette fazel-o no numero immediato, o que effectivamente cumpriu, cerca de duas columnas, em louvor do inolvidavel extincto.

Aviso aos actuaes escriptores dramaticos, para que se não deixem morrer a par dos toureiros.

Cascaes não teve, das ultimas gerações litterarias, as honras a que tinha direito. É esta verdade, uma bem triste verdade. O veterano da litteratura dramatica, ultimo sobrevivente da gloriosa fallange garrettiana, e que no palco tambem tinha conquistado outras dragonas não menos honrosas nem honradas do que as de general, estava esquecido, desde que se apagaram os derradeiros fulgôres scenicos da sua ultima peça. Era como uma coisa que tinha servido, mas que já estava arrumada.

Quando recentemente alguns admiradores do velho actor Taborda, pretenderam muito e muito justamente promover a consagração solemne do seu genio, algum lembrou, em simples conversações com homens de letras, que a par d'aquella antiga gloria da *Arte scenica*, outra existia ainda da *Litteratura dramatica*, o velho auctor Cascaes; e que não era menos justo, que ao homem que commovera nossos paes até ás lagrimas, nos seus dramas, e lhes provocara as francas gargalhadas da alegria, com a graça portugueza dos costumes portuguezes das suas comedias, lhe fosse dedicada uma noite no theatro de D. Maria, de modo a elle vir alli ao palco das suas antigas glorias, receber de novos e velhos, as palmas do reconhecimento publico ao trabalhador já cançado.

A isto ponderou se, que não estava nos nossos costumes.

«Filho és, pai serás, assim como fizeres assim acharás,» diz um rifão.

Variante: «Novo és, velho serás, assim como fizeres assim acharás.»

Não sei se me entendem.

Mais tarde, quando V.^o Ex.^o, particularmente os senhores escriptores dramaticos da actualidade, tiverem já amadurecido, e até sorvado, não estranhem (á chucha calada, já se vê) a amargura do abandono publico.

Taborda (que com a modestia propria dos grandes, dispensou a glorificação) tinha além do seu genio, tambem a seu favor o não concorrer, como o seu collega Molière, á gloria d'auctor dramatico.

Emfim, meu amigo e sr. Caetano Alberto. Pediu-me algumas palavras, para acompanhar o retrato de Cascaes, pois que no aperto d'esta conjunctura escaceia o tempo, para que alguém com competencia e autoridade queira escrever como merece a memoria d'esta individualidade tão portugueza, tão apaixonada da nossa vida historica e da vida contemporanea no que ella conserva de tradicionalmente e caracteristicamente seu. Da minha parte, ha apenas, como sabe, o muito respeito pelo seu trabalho tão bem intencionado, e pelo seu character, que era a propria verdade, a propria sinceridade, a propria lealdade. Não obstante e para se aquilatar justamente o valor do antigo e laureado dramaturgo, não me seria desagradavel a tarefa de condensar os pareceres d'aquelles jornaes publicados de 1841 para cá, em que fosse de uso escrever com sciencia e consciencia do que se escreve. O limite, porém, imposto a este artigo pela escacez do logar, impede-me a expansão do intento.

Correspondendo ao seu convite envio-lhe estas linhas, que o meu amigo e os leitores do OCCIDENTE, tomarão apenas pelo *ultimo adeus* d'um alumno (e poderia dizer em nome de todos) do collegio militar dos tempos de Mafra, ao nosso professor e tão nosso amigo, o «Pae Cascaes.»

Henrique das Neves.

JOSÉ AUGUSTO PRESTES

N'estes tempos em que a transigencia e o interesse deram á justiça e ao criterio uma elasticidade de cautchouc e em que por conseguinte já não ha distinguir o que é trigo do que é joio, chega a não ter significação, quando não seja um arrojo, vir sinceramente emitir juizos sobre alguém ou sobre alguma cousa.

A critica e o jornalismo que deveriam empunhar o estandarte da cruzada pelo bem e pela verdade, ora entregues aos insufficientes de espirito, aos mal intencionados e aos ignorantes, tornaram-se em elementos de desmoralisação e diotrophia.

E' assim que n'uma promiscuidade ignobil, desoladora, se confundem obras e idéas perfeitamente oppostas e se agrupam na mesma galeria, na mesma apothose de celebridade, o homem de talento e o descerebrado, o character limpo e o *scroc*. E se esta desorientação não consegue affectar o espirito dos — raros — que podem e querem formar uma opinião sua, tem comtudo uma suggestiva influencia na massa da gente que lê e que acceita de braços abertos, qualquer charrice ou perfidia que o primeiro cretino admittido nas columnas de um jornal se lembra de escrever.

E assim se vae morrendo de inanição por que se todos conhecem o apodrecimento e a passividade do nosso meio, ninguém quer ter o desassombro de levantar o primeiro grito de revolta.

E comtudo a necessidade de reagir vae-se tornando cada vez mais imperiosa; a gandaya vae subindo, vae ganhando terreno e um dia virá em que impunemente possa enlameiar todos os que são honestos, todos os que têm valor. E' a estes que nos devemos unir, é por estes que devemos pugnar; porque se alguns, como aquelle a quem vae referir-se o nosso artigo, conseguem triumphar, muitos ha que no isolamento, esquecidos, desamparados, se deixam vencer á mingoa de estímulo e de justiça. Accordar a lembrança de uns, arrancar do obscurantismo outros e acabar por uma vez com a raça dos tolerados, eis, para os que ainda têm a consciencia limpa, a difficil mas honrosa tarefa a emprender.

Ora para o caso presente vem mais a pello do que pôde imaginar-se as considerações que acabamos de fazer; com ellas pretendemos accentuar bem claramente que, lembrando nas columnas d'esta revista o nome de José Augusto Prestes não vimos apenas bordar palavras em volta d'uma gravura; vimos cumprir um dever, praticar um acto de justiça. E' certo que o valor e os actos d'esse excellente rapaz são assaz conhecidos para que a mais leve suspeita possa macular as nossas afirmações. Em todo o caso é preciso distinguir.

De longada pelo aspero caminho da vida, entre que a si proprio desde muito novo, Augusto Prestes cedo se viu obrigado a manifestar os seus dotes de intelligencia e de character. Era necessario trabalhar; e como não podesse, dado o acanhamento do nosso meio, entregar-se immediatamente á sua actual profissão, teve de abraçar o jornalismo como primeiro recurso. Dotado porém d'uma maleabilidade perfeitamente excepcional, já n'esse cyclo litterario que foi para elle um derivativo forçado, conseguiu afirmar a sua brilhante intellectualidade.

Nos seus numerosos artigos, está a prova do que vimos de referir. Jornalista *double* de poeta, creio mesmo que por diletantismo chegou a escrever versos.

Mas no seu espirito estava latente o instincto d'uma aptidão especial que o chamava para outra esphera de acção e o seu character emprehendedor e activo, a sua intelligencia em constante laboração, rasgavam-lhe novos e mais largos horisontes.

Foi assim que resolveu ir procurar ao Brazil, ambiente para expandir a sua actividade. E um bello dia, tendo por unica bagagem o seu valor, sem outra protecção que não fosse a dos seus braços e a da sua coragem, sem mais cartas de recommendação do que o seu desejo de trabalhar, lá se foi, mar fóra, no porão d'um navio como qualquer emigrante humilde. Chegado lá, depressa ponde conquistar o logar a que tinha jus Graças á sua profunda tendencia para as artes mechanicas e ao seu espirito claro e pratico, Augusto Prestes que ia disposto até a ser um simples operario, rapidamente conseguiu elevar-se e distinguir-se entre os mais habéis engenheiros estrangeiros que por esse tempo se achavam ao serviço do governo brazileiro.

Inventivo, além de audacioso, emprehendedor e resolutivo; possuindo essa rara faculdade que estabelece uma ligação intima e immediata, entre o conceber e o realisar, de Augusto Prestes e no campo da sua actividade, se pode dizer, paraphraseando a expressão de Baudelaire a proposito de Gautier: «para elle não ha idéas irrealisaveis.»

D'este modo, muito novo ainda, já conseguia ligar o seu nome a alguns inventos deveras engenhosos e praticos.

Ultimamente os conhecimentos technicos fornecidos pelo estudo e o ensinamento colhido nas viagens têm-lhe dado azo a alargar mais os vãos do seu espirito creador.

Durante a sua permanencia no Brazil, esse activo rapaz, nunca deixou de escrever, honrando com uma proficiente collaboração sobre assumptos scientificos, algumas das principaes folhas d'aquelle paiz.

Os seus meritos, a influencia e as relações

adquiridas tinham-lhe pois fornecido todos os elementos para em pouco tempo e n'um paiz como é o Brazil realisar uma boa fortuna. Apesar d'isso porém, o habil engenheiro mechanico, tocado pela nostalgia, voltou a Portugal.

Assim tinha de acontecer porque esse excellente moço, a par d'uma intelligencia pouco vulgar e d'uma energia de ferro, possui um character e um coração de ouro — essa é a sua melhor riqueza — e no seu espirito affeito ao lado nobre da vida não cabem as ambições mesquinhas do egoista. O contacto com a miseria e com a desgraça e a necessidade de lutar, deram-lhe a experiencia, gastaram-lhe as arestas, quebraram-lhe os impetos de impulsivo, mas não o preverteram, não o depravaram. Os embates d'uma vida de contingencias e difficuldades escudaram-lhe o coração; puzeram-lhe nos olhos um veio tenuissimo de reserva e duvida; vincaram-lhe na face um traço que lhe desce até aos labios contrahindo-lh'os n'um sorriso entre ironico e benevolo; mas as suas faculdades conservam-se intactas, e sob essa cota de pseudo-scepticismo escondem-se os mais generosos sentimentos, o mais bello coração! E' que elle, ao passar pela phase mais amarga da vida, fez da propria amargura o aguilhão do dever, em vez de se deixar vencer por aquella descrença que paralyza os fracos e que azedando-lhes o espirito, os torna invejosos, maus, revoltados.

Os revezes deram-lhe a protecção contra os enganados, mas as obras levadas a cabo, os triumphos alcançados, longe de o envaidecerem e de o tornarem egoista firmaram-lhe mais no espirito o ideal da justiça e da egualdade. E é em nome d'esse ideal que elle, apesar da sua manifesta superioridade, trata os seus operarios como irmãos. E são tão fortes os laços que o prendem aos que o acompanham na rude missão do trabalho, que ainda não ha dois annos, por occasião da greve dos gazomistas, Augusto Prestes, sem deixar de obedecer aos ditames da rectidão conseguiu prestar valiosos serviços ao governo; e comtudo não teve de malquistar-se com os grévistas. E' n'essas situações que elle, indo embora de encontro aos seus principios, entende que deve impôr a sua superioridade, não como despota, mas como espirito director e na idéa de fazer luz nos cerebros obscurecidos.

N'essa occasião o estado premiou-o com uma commenda, mas o verdadeiro premio teve-o elle nas palavras de justo elogio, proferidas unanimemente pelos seus operarios em greve, n'uma das sessões que organisaram. Mas na sua officina, a que elle tem dado um desenvolvimento extraordinario á custa de muitos sacrificios e que hoje, pelos processos empregados, pelo aperfeiçoamento das machinas e pela organização porque se rege, é um modelo no seu genero, na sua officina, diziamos nós, é que é vèl-o: na modestia dos seus fatos, no desprendimento com que pega n'uma lima ou n'um martello para se pôr ao lado do mais humilde dos seus trabalhadores, na disciplina amigavel em que os mantem, em tudo emfim se revela ao mesmo tempo a simplicidade e a grandeza de seu character.

E' assim, caminhando pela esteira branca do dever, braço apoiado n'um rude mas solido bordão — o trabalho — olhos fitos n'uma estrela ideal — a justiça — que José Augusto Prestes, o honrado industrial se tem elevado e tem creado um nome.

Homens como este é que são os verdadeiros homens e aquelles a quem devemos apontar como incentivo, como exemplo, aos que lutam, aos que trabalham e mesmo aos vencidos.

Luiz Galhardo.

UMA VISITA A CASTELLO DE VIDE

IV

PASSEIO A MARVÃO

Quando chegámos ao Rocio, passava do meio dia. Era a hora da partida para Marvão, e o Paulino já nos esperava com as suas mulas e o seu carro para nos transportar ao *Herminius minor* dos romanos.

O sol começava a descer projectando sombras da casaria. Bonitos effeitos de luz, que demove-ram Antonio Ramalho a puxar do seu albuminho e apontar o gracioso contorno do desenho que juntamos, onde avulta as torres da igreja dominando a praça.

Não houve tempo para mais. D'ali a Marvão eram duas boas horas de caminho, com uns tres kilometros de serra a trepar, que era de perder a

paciencia, principalmente por um atalho que se tomou, e em que por mais de uma vez vi geitos do carro se voltar com todos que iam dentro. O atalho era cheio de barrancos e o carro dava saltos que nos obrigava a tocar com a cabeça no tecto.

Alguns preferiram aprear-se e eu fui um d'elles. Antes a pé que por sobre aquelle mar encapelado, e nunca achei tão paternal o conselho de: «não deixar estrada real por atalhos», que ensina a sabedoria das Nações! Depois de uns vinte minutos de caminhar, entrámos de novo na estrada real. Subimos para o carro e continuámos a ascensão, descrevendo curvas pela serra.

Lá em cima morava Marvão dentro da sua praça de guerra e tão bem defendida, que só quando se chega ao platô é que se vê a casaria da povoação.

Pareceu-me magnifico para um presidio, á parte o bom ar e os excellentes pontos de vista.

Dizem historias antigas, que os mouros invadindo a Lusitania, mataram muitos christãos e os que escaparam, fugiram para aquella serra que então se denominava o *Herminius minor* dos romanos. Entretanto já por ali existia a antiga cidade de Medobriga ou de Aramenha, e d'isso se encontram no sitio innumerous vestigios, principalmente em escavações, que têm feito, descobrindo-se amphoras de barro, medalhas, inscripções e restos de edificios soterrados. Só a necessidade da defeza, em tempos que a peninsula foi assolada de guerras, dá razão a ter-se estabelecido um povoado sobre a escarpada serra, quasi inacessivel.

Quem ali vive está apartado do resto do mundo, o que não deixa, até certo ponto, de ter suas vantagens.

Com tudo ha quem não se conforme com isso, como o dr. José Henriques Bogalho, que veio da Universidade de Coimbra, tomar conta do partido medico de Marvão.

Está ali como um desterrado, me disse elle, mal disfarçando o fundo aborrecimento que sentia.

— Mas em compensação não deve ter muito trabalho. Com este bello ar, todos aqui vendem saude, não é assim?

— O que ha mais, são pneumonias, mas apesar das doenças serem poucas, tenho uma collega que é sempre chamada antes de mim!

— Uma collega?!

— Quando eu chego já ella está á cabeceira do doente!

— N'esse caso é para conferenciar?

— Nem para isso!

— Não percebo, atalhei eu.

— Vae perceber. A minha collega é a Senhora da Estrella que tem aqui muita devoção. Quando alguma pessoa adoce, a familia ou os visinhos vão logo buscar a imagensinha e collocam-a á cabeceira do doente.

— É curioso, e inoffensivo.

— Eu lhe digo. Esta devoção pela Virgem faz-me uma concorrência sempre percaria para mim, porque se o doente se salva, é a Senhora da Estrella que o curou, e se elle morre, fui eu que o matei!

— Tem razão, mas pelo que me consta não é só o doutor o unico queixoso. A Senhora da Estrella tem muito maior influencia n'este povo! O reverendo prior, que, como sabe é filho d'esta terra, disse-me ha pouco, ter havido aqui uma festa tão pomposa á Senhora da Estrella, como elle se não lembra d'outra!...

— Isso foi hontem, por causa da restauração do concelho.

— Exactamente. Uma festa de arromba, com procissão, ruas enfeitadas, foguetes, etc...

— Mas que tem isso com o meu caso?!

— Tem tudo. A Senhora da Estrella faz concorrência á clinica do doutor, mas ainda faz maior concorrência á politica do sr. José Luciano de Castro, e se o illustre presidente do concelho sabe d'isto, é capaz de mudar agora o orago á freguezia.

— É boa!

— Se lhe parece que não é para um presidente de conselho dar cavaco, fazerem festas a Nossa Senhora, pela restauração do concelho, em vez de as fazerem a elle?

— Lá isso é, concordaram todos a rir.

— Console-se, doutor, que tem companheiros na desgraça!

— Foi uma festa rasgada, confirmou o reverendo prior Sequeira, um bom padre, que encontramos logo á entrada da villa, e que foi muito amavel com os visitantes da sua terra, mostrando-nos tudo o que havia para vêr, na fugitiva hora de dia a que ali chegámos.

A primeira coisa que vi e que mais deteve a

atenção, foi o convento de Nossa Senhora da Estrella, hoje transformado em igreja matriz. É grande, mas o que se conserva em melhor estado é o templo, porque as dependências estão muito arruinadas.

O portico, principalmente, é bello, de architectura manuelina, estylo puro como o cruzeiro do adro, no mesmo estylo, que é primoroso.

Não tive tempo de o apontar no meu album, mas Arnaldo da Fonseca ainda o photographou na sua *Kodak*, mas infelizmente sem resultado porque a luz do sol ia a fugir.

O interior da igreja não tem nada do estylo da portada, mas uma capella que lhe está junta é que é de abobada com laçaria de arcos fechados em florões e assentes sobre columnas ao longo das paredes.

Lamentámos que estas columnas estivessem tapadas até mais de meia altura, com argamassa, ou tantas camadas de cal branca que valia o mesmo, mas ninguem me soube explicar a causa de tal desacerto.

O altar d'esta capella é todo de marmore de Italia, de boa esculptura, nos ornatos e nas figuras. Pareceu-me obra italiana.

Inquerindo da sua origem, apenas me soube dizer o rev. Prior, que um bispo de Portalegre, natural de Marvão, mandára transportar para ali aquella capella.

Tambem me pareceu que ella não tinha nascido ali, mas sim fôra enxertada na igreja; com respeito, porém, á naturalidade do bispo, não encontro na resenha dos bispos de Portalegre, nenhum que fosse natural de Marvão.

Ha umas quatro ou cinco igrejas, incluindo a da Misericordia, mas são todas bastante inferiores á da Senhora da Estrella, tendo algumas o tecto de traves sem forro, e de construcção assáz elementar.

O mesmo fui observando por toda a villa, cujas casas pareciam fazer prodigios de equilibrio para se susterem de pé.

Aspecto de completa decrepitude, embora tudo



OSÉ AUGUSTO PRESTES

(Copia de uma photographia dos srs. Vidal & Fonseca)

muito branquinho de cal, mas as cans tambem são brancas.

N'aquelle dia as viellas estavam ainda enfeitadas da festa que tinha havido na vespera e a gente ia atravessando por baixo de arquinhos de verdura, feitos com cannas ou troncos

delgados de castanheiros. Bandeirinhas de papel de côres appareciam espetadas em pausinhos por sobre os arquinhos. A todo o comprimento das viellas corria pelo meio um cordel, esticado a certa altura, donde pendia uma franja de papel, como é uso em alguns talhos pendurar no tecto para as moscas pouzarem.

Certamente o papel de côres é ali coisa de estimação, que se reserva para as grandes solemnidades, o que de resto não admira no estacionamento secular em que aquella terra vive.

Mas o espirito decorativo da boa gente não parou nos arquinhos e bandeirinhas de papel, antes mais se expandiu á porta da casa da camara, com um caramanchão, armado com cannas ou fasquias cobertas de verdura, rematando em pyramide, no vertice da qual estava uma pombinha branca empalhada, pousando sobre uma laranja e tendo preso no bico um papelinho onde se lia a palavra — *Vinde*. Por baixo, em outro papel lia-se — *Honra e gloria Dr. Magalhães*.

Era para isso!

Veja sr. presidente do conselho a festa que a Senhora da Estrella lhe empalmou!

Fomos subindo até ao castello. Aqui uma porta do seculo XII junto á cadeia, além uma janella manuelina metida na parede de uma casita qualquer; ao virar de uma viella, em uma casa de melhor apparencia do que as outras, duas grades de janellas de sacada, em ferro forjado, com flôres, curvas e torcidos de bom desenho, como raras se encontram pelo paiz, tão bem conservadas. Esta casa que, como disse, é das que melhor me pareceram, occupando talvez uma area não inferior a duzentos metros quadrados afóra um quintalão que lhe pertence, está sem alugador apesar de se arrendar por seis mil réis cada anno! O dono já vende a propriedade por cem mil réis, mas ninguem a compra!

Isto explica-se pelo abandono a que o povo vae

UMA VISITA A CASTELLO DE VIDE



MARVÃO

votando a velha villa, e com razão. Quanto ali se não constroem um telheiro ou se levanta um muro cahido, edificam-se casas novas e bonitas, nas Areias, freguezia que está em baixo, n'um formosissimo valle, ameno, para onde a população vae, á formiga, fugindo.

E de cima, das muralhas do castello, que melhor se vê a povoação nascente, com suas casas novas por entre o arvoredado e extensos campos cultivados, que é um encanto de olhos.

Para além são terras de Hespanha, vendo-se distinctamente Valencia de Alcantara com a sua estação de caminho de ferro.

E d'este lado, de leste, que Marvão é accessivel, por onde vem a estrada descrevendo curvas. Dos outros lados a serra e cortada quasi a prumo e podem-se ver os milhafres pelas costas.

Estavamos á altura de uns seiscentos metros acima do mar, com uma athmosphera purissima,

de viagem, seguiram-me todos desconsolados, por não podermos ver melhor tão gigantesca obra!

Deve ser muito maior que a cisterna do Castello dos Mouros, em Cintra.

Mas ha ainda mais uma fonte abundante onde o povo vae abastecer-se. Não quiz sahir de Marvão sem provar a sua agua, que todos me elogiavam, e effectivamente achei-a tão fina e fresca que não pude beber mais de um decilitro, aproximadamente, porque me regelava a bocca.

— Eu bem lhe dizia, acudiu o reverendo Prior, esta agua é tão fria que não se póde levar. Venham até minha casa, que tenho lá outra melhor.

O sol ia a desaparecer no horisonte, e mal tinhamos tempo para regressar a Castello de Vide a horas de jantar e seguirmos no comboio para Lisboa. Entretanto era impossivel recusar o amavel e sincero convite do reverendo Sequeira, e

— Tem aqui um buraco, notei eu.

— Isso não é um buraco, accudiu o rev.º pre-sorosamente. É uma aberturasinha por onde passa o espigão do hombro da imagem para segurar a cruz.

— Comprehando! Mas é uma peça muito rica!

— Se é, repetiu o rev.º, e depois com ar de riso. Em Castello de Vide não ha d'isto, e olhou maliciosamente para o seu velho amigo Antonio Repenicado, que ria da franca interpelação do Prior.

A boa amizade que havia entre os dois permitia, sem duvida aquella liberdade, que isto em terras vizinhas ha sempre suas rivalidades.

Mostrou-nos tambem uma capa de Nossa Senhora bordada a ouro sobre setim azul, pela filha do sr. Antonio Repenicado. Obra apreciavel pelo gosto e arte com que estava feita; mas o rev.º



A INVENCIVEL ARMADA

um ar vivificador. No ponto mais elevado da torre de menagem, aproveitava os ultimos raios de sol, um homem que viera doente da Serra da Estrella, procurar cura para a sua doença. Provavelmente um tuberculo-o.

E é para o que melhor póde servir hoje o formidavel castello de Marvão mandado construir por El-rei D. Diniz, e que foi theatro de tantas façanhas de que reza a historia, desde D. Affonso I quando fundou esta monarchia e expulsou os mouros, até ás guerras da restauração.

Tem uma cisterna enorme com agua para todo o povo durante seis mezes. A ella, descemos muito cautelosamente por uma escada estreita de pedra. Lá dentro fazia noite e tivemos que accender phosphoros, mas a luz era insufficiente para illuminar o recinto de que não lográmos ver toda a extensão. As nossas palavras resoando pela abobada, restitue-as o echo escarnicador. No meio da escuridão, antes que me escapasse um pé dos degraus, sem eu saber onde iria parar, resolvi sahir para o ar livre e os meus tres companheiros

sem mais cerimonia fomos subindo para sua casa.

Esperava nos uma bella merenda de fructas seccas, laranjas, vinho, etc., se já tiveramos jantado, mas como não tinhamos, poucos se serviram a não ser de um copo de vinho velho, muito mais tonificador, em verdade, do que a agua gelada da fonte.

E todos beberam á saude do rev.º Prior Sequeira, um bom pastor do seu rebanho, homem franco e hospitaleiro como todo o bom alemtejano.

— Já agora hão de ver a tunica do Senhor dos Passos que tenho ahi guardada, nos disse elle com ar muito satisfeito, como quem não queria que partissemos sem nos mostrar aquella preciosidade.

E a governante collocou sobre umas cadeiras a rica tunica, desdobrando-a de entre pannos de linho em que estava envolvida.

Era effectivamente muito rica! Não sei até se iria além do que manda a lithurgia, por ser de damasco de ouro; mas por excesso de riqueza não perde.

estava muito penalizado porque tinha tirado as medidas erradas e a capa, quando muito, apenas chegava a ser um cabeção.

Não menos para notar, mas pelo seu peso, era uma imagem de prata macissa de mais de um palmo de altura, representando Nossa Senhora. A esculptura, muito imperfeita, fazia antes valorisar o metal, que, seguramente, pesava os seus cinco kilos!

— Em meias coróas ainda era uma continha, aventurou o dr. Bogalho.

Todos concordaram, excepto o rev.º, que declarou ser muito antiga em casa, do tempo de seus avós!

Era de respeito!

— Mais um copinho, mais um bolo, ou uma laranja, ou estas amendoas, offerecia o rev.º Sequeira com uma franqueza captivante.

Mas era impossivel demorarmo-nos mais, porque a noite approximava-se.

Offereceu-nos a sua casa e trocámos os nossos cartões de visita, retirando-nos todos com muita pena de não termos tempo para ver mais de es-

paço a villa e melhor corresponder á amavel recepção que nos faziam.

O rev.º Prior e o dr. Bogalho acompanharam-nos até ao carro, que nos esperava á entrada da povoação, e ahí fizemos as ultimas despedidas, já com o luar a nascer.

(Continúa).

Caetano Alberto.



AS NOSSAS GRAVURAS

A INVENCIVEL ARMADA

É bastante celebre a *Invencivel* armada, que Filipe II organisou para invadir a Inglaterra sob o pretexto de restabelecer n'esta nação o catholicismo e tirar desforço da execução de Maria Stuart.

A *Invencivel* armada custou cerca de vinte mil contos de réis. Nunca o mundo virá outra frota tão monumental. Phillippe esvasiara o thesouro para a equipar.

Na tripulação, que era de *leões*, como diz Victor Hugo na sua *Legende des siècles*, iam portuguezes, porque elles eram fortes e valentes.

A armada compunha-se de 150 navios de diferentes dimensões, levando oito mil marinheiros, afora remadores, vinte mil soldados, dois mil e seiscentos canhões e munições sem conto.

A nobreza hespanhola embarcara em massa na armada, bem como um grande numero de voluntarios, e a Igreja, pela qual se ia combater, estava representada a bordo por um vigario geral da Inquisição e um grande numero de jesuitas, de dominicanos e de outros monges, destinados a estabelecerem o Santo Officio em Inglaterra e a trabalharem na conversão dos hereticos.

Afirmam os inglezes que nos navios hespanhoes até se encontraram instrumentos de tortura que deviam *auxiliar* a eloquencia dos missionarios.

A *invencivel* armada sahiu do porto de Lisboa no dia 29 de maio de 1588, sob o commando do duque de Medina Sidonia.

Parecia que a Inglaterra seria esmagada por esta estupenda frota de guerra, que seria apoiada pelo exercito dos Paizes Baixos, que então continha em si a flôr militar da Europa, e que o commandante o duque Parma tinha ordem de conduzir em embarcações sem quilha. Mas a Hollanda não esteve pelos ajustes, bastante já se tinha sacrificado pela causa da Europa e prestou á Inglaterra o inestimavel serviço de bloquear a grande armada nas aguas de Flandres.

Mas a natureza soccorreu a Inglaterra. Logo nos primeiros dias de junho a grande armada açoutada pelos ventos e pelas ondas teve de acolher-se á Corunha, conseguindo apenas em 21 de julho o fazer-se novamente ao largo.

A Inglaterra não estava preparada, mas bastou-lhe esta demora da grande armada para se dispor á lucta. Os inglezes foram então veras patriotas. Tudo sacrificaram pela sua patria, e em breve um dos seus menores contingentes armados era de cinquenta navios e dez mil combatentes.

Medina Sidonia era um grande fidalgo mas sabia pouco das cousas maritimas, e além d'isso estava paralyzado pela ordem formal de não tentar cousa alguma antes de se reunir ao duque de Parma.

A grande armada passou por deante de Plymouth, onde estava uma pequena frota ingleza mas não lhe offereceu combate.

Dirigiu-se depois a Calais.

Uma tal manobra, demonstrando claramente a indecisão que lavrava no animo do commandante da grande armada, foi causa terrivel que deu resultados medonhos.

O almirante inglez Howard d'Effingham, secundado por Drake, Hawkins, Forbister, e outros, sahiu de Plymouth e navegando com vento a favor inflingiu terriveis danos aos grandes navios hespanhoes. Um d'elles, o *Calvados*, desviou-se da esquadra e foi desfazer-se de encontro ao rochedo que hoje tem o seu nome, na costa da Normandia.

Medina Sidonia fundeava entretanto em Calais, sempre á espera das tropas de Flandres.

Na noute de 7 para 8 de agosto, Drake encheu de polvora oito navios dos peiores que tinha e precipitou-os inflammados sobre a armada.

O terror, a desordem e o panico foram medonhos, terriveis. Os hespanhoes desvairados pelo terror cortam as amarras, e os navios chocando-

se uns contra os outros dispersam-se e ganham desordenadamente o mar alto.

Impellidos pelo vento e soffrendo destruições parciais dos inglezes os navios da armada singram espalhados para o Norte, e, circumdando as ilhas britannicas, foram assaltados por uma nova tempestade entre as ilhas Orcadas e Feroe, e desfeitos de encontro aos rochedos.

Dispersaram-se outros ainda pelo oceano e nas profundezas d'elle acharam sepultura.

De tão espantosa armada os portos de Hespanha apenas lograram rever os destroços.

Oitenta navios e 16:000 homens ficaram nos abysmos oceanicos.

Soltou então o protestantismo um grito de alegria, e a Europa sentiu-se livre do pesadelo da monarchia universal.

RAMIRO DOS SANTOS

RHYTMAS E RHYTMOS

A bella estreia litteraria de Ramiro dos Santos tem obtido uma excellente acceitação por parte da imprensa, destacando-se alguns artigos, devidos á penna de auctores consagrados, como mais elogiosos e importantes. Sob varios pontos de vista, vae correndo a opinião, faltando estabelecer um que nos parece fundamental e que constitue o assumpto d'este escripto: refirimo-nos ao criterio philosophico que gerou a obra.

Um livro, qualquer que seja a sua natureza, accusa sempre o fundo psychico do auctor, facto que ainda mais se accentua, tratando-se de um trabalho poetico, cujo modo de ser geral obedece sempre a uma emoção. E assim se explica como os *Rhytmas* e *Rythmos* nos confirmavam, plenamente, o juizo que faziamos de Ramiro dos Santos.

O septicismo temperado com o bom senso que reumbra do livro, manifestado por uma forma racional, suave e espontanea, dá-lhe um tom melancolico, ás vezes ligeiramente ironico, constituindo a disposição habitual do poeta. Outras vezes abstrae do passado e do futuro para se concentrar no momento actual, manifestando-se ora com a tendencia epicurista do *Hymno a Venus* ora com a tendencia contemplativa dos *Tercetos* e da *Ataraxia*.

Sustentando a desnecessidade de nos desvelarmos por uma idéa, considera que aspirar á Verdade, a ser iniciado, é um sonho e que

*Em vão dos homens a commum tendencia
E' fazer d'ella o fito da existencia.*

Querendo justificar a inutilidade dos esforços humanos para attingir um estado mais perfeito, escreve estes versos, depois de recordar que os proprios iniciadores do movimento progressivo são as primeiras victimas de corrente conservadora,

*... sempre vamos atravez das eras
Dando ouvidos a trezas melodias
Logradas por mentiras colossaes,
Governados por sonhos e chimeras
Arrastados por vagas sympathias
Seduzidos por falsos ideaes.*

Considera um futilidade ir

*atraç d'uma esperanza, um não sei quê sonhado,
atraç de um ideal, de um devaneio, é claro*

que era felicidade se porventura existisse

*Longe, alem dos mais altos horizontes,
Alto, mais alto que os mais altos montes
Talvez, diç-se, lá para o Ideal
Se é que existe algures! se não erra
O homem, ao querer, bicho da terra
Que sempre o que ideou seja real.*

Assim o futuro é uma ameaça e o homem iludido que deixa o positivo pela chimera póde muito bem acontecer-lhe que

*... convencido alfim de quanto eram vaidade
sonhos e tudo mais, inutil phantasia
o que havia real se tinha tambem ido*

De forma que o progresso é uma palavra vã.

A este respeito, permitta-nos o auctor as seguintes observações:

Se os factos, pela sua rude apparencia, depois de muitos e baldados esforços dão logar a que

surja ao homem a desillusão, não devemos, por esse motivo, descrêr da Verdade, vendo as cousas, mais a fundo. A Verdade é como a Justiça: ha de brilhar atravez dos tempos, ha de triumphar de todos os obstaculos. Sem ella a sciencia seria uma mentira e o scepticismo, tocando os limites da loucura, em breve arrastaria a humanidade ao aniquilamento moral. E quem lucta pela Verdade, lucta pela perfeição, porque quanto mais nos approximamos da Verdade mais nos aperfeiçoamos. O labor constante das intelligencias, a obra vivificadora dos artistas se não aperfeiçoassem os estadios de civilização, não teriam ponto de apoio e seriam a negação do bello. E como consequencia da legitima e fatal tendencia para a Verdade e do aperfeiçoamento, que d'ahi resulta sobre o Progresso, que já o definimos como o «Trabalho das forças sociaes», progresso que, todavia, não implica augmento de virtude, porque esta reside no sentimento religioso, perdido o qual triumpho o egoismo.

O poeta não cabe todavia no scepticismo absoluto, porque

*Houve momentos bons. Quem o negara?
Até hoje e comprada com soffrer
Ainda não me parece a vida cara.*

e tambem porque

Alguma cousa sei, e n'isso creio,

não por uma crença, baseada no raciocinio, não partindo d'um ephorismo como o de Descartes, mas por uma luz sobrenatural, por uma intuição espontanea, por uma voz interior irresistivel. Admitte o que não lhe repugna á razão e a consciencia, porque

*Religiões! Sciencias! Poesia
Bondade, amor, virtude e o heroismo
Sem essa luz nada é realidade.
Sem a fé! Porque a fé nos allumia
E é afnal n'este profundo abysmo
A parte que nos coube da verdade.*

Mas a prova de que este criterio de verdade não parece sufficiente é que a sua affirmacão capital, a que termina o livro, traz esta restricção

... tão verdade, quanto pode ser...

Da mesma fórma, o poeta sente a instabilidade do presente para ser a base da felicidade

... em tudo está, em tudo sinto a morte

e n'isto vemos a origem de profunda tristeza que, por accessos, se manifesta no livro

*Respirei o perfume acre e mortal
Das flores sepulchraes: na esponja amarga
Humedeci a boca escandecida.*

Pela mesma razão explicamos a ironia d'estes versos, concebidos, provavelmente, n'alguma hora de melancolico optimismo:

*As aguas correm; e eu scismo sereno
Como se não houvesse corrosiva
Uma tristeza, um pensamento amargo
... em cada hora
Que corre, como ao longe a agua esquivada*

Para elle tudo é pois ephemero; os fundamentos da nossa esperanza são inconsistentes como esse poderoso sentimento; o proprio prazer é tão breve que, relativamente, a vida é longa; e, com-tudo, mesmo nos dias dolorosos a vida corre veloz, se bem que a dôr nos faça julgar os dias lentos.

O tempo foge e a morte, que para alguns é a redempção, constitue todavia um problema irresoluvel

Talvez a vida se suma

inutilmente creada, mas os mortos

Urnas selladas pela mão da morte

guardam segredo sobre o destino final do homem, e, esquecidos pelos que amaram, perdem-se de todo no insondavel. Por isso, — e creio que estes dois versos que terminam o livro resumem a philosophia do auctor, segundo nós a entendemos,

*... tão verdade quanto pode ser
Não desejo morrer, bem que duvide.*

Exposta a substancia do livro, direi que a fórmula é muito perfeita, sobretudo nos descriptivos. Para dar ao leitor uma idéa do livro transcreverei a primeira parte de «A horas mortas»:

*O sete estrello vae alto.
E' meia noute já dada.*

*Corre ao de leve, uma aragem,
A noite vae socegada.*

*E não se vê — nem viv'alma!
Por todo este descampado...*

*Mas soam brados — ao longe!
D'um carreiro tresnoitado.*

*E a cantoria dos ralos
Que estrondeada que faz!*

*O mais, já tudo callado,
Parece dormir em paz...*

*Mas, é beira do caminho,
Vê-se, de braços no ar,*

*Um vulto silencioso
Que se penteia ao luar.*

O livro *Rhytmas e Rhytmos* ainda inculca maior valor se attendermos a que é uma estreia, produzida n'uma idade em que não se torna facil possuir todos os dotes de um poeta primoroso. A logica de aço, a elevação dos conceitos e a belleza do estylo, accusam toda a limpidez da intelligencia de Ramiro dos Santos, a quem, desde os bancos das escolas, dedicámos particular estima e sincera admiração.

Antonio Cabreira.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

X

Tôla! tôla! e tôla!

Quando por fim se callou, Joaquim estava já sem folego. Romulo, com animo generoso, quiz tomar a defeza do amigo; Tranquilina, porém, tomou-lhe a deanteira, dizendo:

— O senhor Joaquim não fez mais do que... — Perdão! — o senhor Joaquim fez mais do que — interrompeu o doutor: — obrigou a Amalia e dizer que, a não casar com esse maniaco d'esse engenheiro Enéas, não casava com nenhum... E quando aquella cabecinha decidir qualquer coisa, não ha meio de a dissuadir; de modo que, se dentro de um mez se não tiver dado bem de genio com o tal senhor Ferri, será capaz de ficar solteira toda a vida para sustentar a sua palavra.

Romulo, sem olhar para Tranquilina, pelo contrario, fixando os olhos no chão, expoz humildemente o seu parecer, o qual foi que... quando se ama... uma pessoa e se não chega a casar com ella, pode renunciar-se ao matrimonio: porém, quando se não ama, não.

— O senhor não conhece a Amalia, — bramiu Roque.

— Neste ponto, o Joaquim, senhor já da habitual desenvoltura, acudiu:

— Se a menina Amalia resolveu não casar se não com o Enéas, sabe o doutor o que ella fará? .. casar com elle... e portanto vou a correr levar-lhe tão boa nova.

Todavia, como elle era o proprio que não acreditava n'aquella ventura condicional do engenheiro, e como o Romulo não acreditava tambem, concordaram ambos em lhe não dar senão esperanças. E deram-lh'as do seguinte modo: «A pequena acolheu bem o pedido, porém, antes de responder, quer um mez para pensar; tens adiante de tí o Fevereiro todo; apaixonou-a, e é tua».

Resposta na qual o Enéas reconheceu a rectidão e o bom senso da sua futura, e com que se regosijou, pensando na sua descendencia masculina e dizendo em alta voz:

— Léve o diabo a prudencia! O assumpto está liquidado e ninguem pode impedir-me de proceder como muito bem me parecer.

Estas palavras mysteriosas significavam que, a datar d'aquelle momento, começava elle a apaixonar-se pela Amalia com a firme tenção, porém, de se não deixar arrastar pela paixão, tendo o maximo cuidado em que a joven se não tornasse in-

dispensavel á sua existencia, até á vespera do dia em que estivesse seguro de a possuir — que havia de ser o dia 29 de fevereiro d'aquelle mesmo anno, o qual era bissexto.

Amalia já não sabia o que havia de pensar: esperava todas as noites a visita de Frederico e em lugar d'ella recebia recommendações do mesmo por intermedio de embaixador, o engenheiro, que lh'as transmittia com a mais completa boa fé todas as noites.

O prudente Enéas, determinado, conforme atraz dissémos, a inflamar-se lentamente, e não a abraçar-se de subito, empregava mil cautélas ao approximar-se da joven, tratando, no momento azado, de invigorar o calorico natural, afim de que aquella Amalia de gelo se fosse derretendo pouco a pouco.

Infelizmente, nos propositos humanos mais firmes fica sempre uma brécha pela qual pode entrar o inimigo; assim, quando o pobre do Enéas descobria na sua futura uma perfeição que não notára até então, um elemento novo que assegurava a prosperidade á presumida prole, perdia o tino e aproximava-se demasiadamente do lume. O resultado eram tres ou quatro incendios, comquanto pequenos, todas as noites, apagados immediatamente, e que eram infallivel prognostico de outro, tremendo, na verdade, que havia de vir a rebentar lá para diante.

Até que em fim, uma noite, apresentou-se o Frederico; tinha o seu aspecto habitual, meio serio-meio zombeteiro, e, como novidade, uma especie de fleugma que o houvéra tornado mais antipathico do que era, se possível fosse: — ao menos, era assim que pensava a Amalia.

Estavam todos reunidos e apertaram-lhe a mão e sorriram e amimaram-n'o muito mais do que em realidade merecia, segundo pensava tambem a Amalia, a qual, forte com os seus direitos de donzella, não se ergueu, e fingindo se distrahida, disse para o Enéas:

— Desculpe, mas não ouvi — o que é que me ia dizendo?

Enéas que nada dizia, disse alguma coisa que ella com effeito não ouviu; n'este comenos, Frederico plantava-se-lhe em frente, saudava-a, posto que sem lhe estender a mão.

Amalia correspondeu á saudação como o faria a uma interrupção importuna e repetiu para o engenheiro:

Perdão: o que é que ia dizendo?

Mas d'esta vez callou-se o Enéas por ter notado que a donzella o não attendia.

Não o attendia, não; aproximava d'elle a cabeça e estendia o pescoço como costuma fazer quem presta muitissima attenção: sorria como o faria a pessoa mais serena d'este mundo; o seu olhar inquieto, desmentia, porém, o sorriso.

«Quer ler-me o pensamento, dizia comsigo; foi para isto que aqui veio!»

Quem? O antipathico Frederico, naturalmente. Elle, em troca, n'esse momento declarava que tinha vindo por duas excellentes razões:

Primeira: porque desejava immenso tornar a ver o excellenté Dr. Roque e a sua tão sympathica familia.

«Sympathica!» — pensou a Amalia. — «Começam as illusões!»

Segunda: Porque necessitava do auxilio dos seus dois propectos amigos e da menina Amalia.

Quando ouviu pronunciar o seu nome, a joven pediu ao Enéas que lhe desse a atanz para indrreitar um tição que ia cahir da grelha, e assim que aquelle lh'a deu, arrumou o tição com primor tal, que o engenheiro exclamou:

— Bravo!

— Os amigos lá do Casino — dizia o Frederico — lembaram-se de fazer uma obra boa nos dias do Carnaval. Ideias de gente que se aborrece todo o anno e que não consegue divertir-se na semana de Entrudo. — Quêrem armár uma feira de beneficencia no salão do jardim e já recolheram muitos donativos: trago aqui a lista, que vae a imprimir.

A lista dos donativos deu a volta até chegar ás mãos de Amalia.

— Falta o seu nome, — observou a joven.

— Falta, é verdade.

— E quem são estes dois N. N. dos quaes um deu um cavallo de sélla e o outro dois francos em dinheiro?

— É segredo, — respondeu Frederico.

— Esse que como offerta unica dá apenas dois francos, — observou o Joaquim — faz muito bem occultando o seu nome; o outro, porém, que se priva de um cavallo de sella, não devia esquivar-se á gratidão, quando mais não fosse, para dar bom exemplo.

— Cumpre advertir — disse a Amalia — que os cavallos de sella, ás vezes, são mais condescen-

dentes que os dônos e descobrem o segredo. Ia apostar que amanhã Milão em pêso sabe o nome do modesto doador...

Frederico fitou a joven sem pronunciar palavra.

— Para a nossa *Feira de Beneficencia* — proseguiu depois — necessitamos da intervenção de meninas com boa vontade que se prestem a vender os objectos e a arrecadar o producto da venda.

— Sósinhas? — perguntou Tranquilina.

— Não, minha senhora, acompanhadas de anciões de cabellos brancos, mas excellentes raparigas; o principal attractivo da nossa festa ha de consistir em que a venda será confiada ás raparigas mais bonitas e aos velhos mais bem parecidos de Milão. Eis o motivo porque tanto necessito da menina Amalia e dos senhores.

Os senhores, isto é, Romulo e Joaquim; este ultimo tractou de demonstrar que não se achava ainda nos casos de representar o papel de ancão com cabellos brancos, porque, a falar a verdade, os seus não eram brancos; Frederico porém, respondeu que lhe concedia a faculdade de corrigir semelhante defeito com o auxilio d'um chinó.

A Amalia depois de interrogar a mãe com os olhos acceitou.

A cada momento, exclamava lá para si:

— Outra allusão! — Bem te conheço!... D'aqui a nada saca do bolso a carta que lhe mandei e entra a mostrar a todos os retalhos cortados ao dictionario, sob pretexto de que não conseguiu entender o que significavam, mas na realidade, para deduzir da minha perturbação se as suas suspeitas serão fundadas... Mas eu o ensinarei... hade ver que não me perturbo por tão pouco; que fique com a suspeita, é isso mesmo o que eu quero. Não hade vir a saber nunca a verdade...

O Frederico, porém, saltava de um assumpto para outro, perguntava, respondia, callava-se para escutar, e nem por sombras manifestava signaes d'essa inquietação dissimulada, propria de quem traz preparado um estratagemma diplomatico.

Assim pois, como a donzella não olhava para elle, tambem elle não olhava para ella, e talvez mesmo com mais naturalidade do que ella; as palavras *antipathico, vão, inutil*, e as de sentido opposto, que deveriam, d'um momento para o outro, fazer as despesas da conversação, não chegavam; tanto, que a Amalia entrou a dar volta ao miolo para ver como é que as traria a terreno sem que se desse por isso.

Conseguiu, duas ou tres vezes, porém com pouquissimo fructo. E só quando a conversação attingiu, como todas, em casa de Tranquilina, os inevitaveis umbraes do periódico, só então é que ouviram dizer ao Frederico:

— Ah! esquecia-me de que tinha de propor-lhes um problema.

— Um problema?

— Sim, ha dois dias que o trago na algibeira e ainda não pude perceber palavra. Elle aqui está

— E sacou... um jornal, abriu-o e apontou na ultima pagina algumas linhas marcadas com um traço a lapis vermelho.

O engenheiro Enéas, como se fôra a pessoa a quem correspondia por direito dar solução aos problemas que podessem preoccupar os circumstantes, agarrou no periodico e leu:

«*Revista da Bolsa*: A semana correu agitadissima por causa das noticias de Hespanha. Nas Bolsas todas pareceu notar-se o receio de intervenção por parte das grandes potencias; desceram quasi todos os valôres. Os valôres italianos baixaram um por cento na Bolsa de Paris. As acções do Banco resistem, mas a industria, por aqui, a crise que mais teme é a monetaria, Varias quebras de Bancos estrangeiros não melhoraram a...»

As falencias dos bancos estrangeiros não tinham sem duvida melhorado a situação dos creadores, nem tão pouco, talvez, as dos falidos... mas ninguem acertava com o que significava aquillo, tanto mais que o engenheiro Enéas estacára de repente e erguera a cabeça com gesto interrogativo, com os modos d'um estudante que não sabe a lição.

Acába aqui o traço a lapis — disse lentamente — e torna a principiar algumas linhas mais abaixo.

Leu outra vez, posto que para si; e depois disse:

— Não percebo palavra.

— Outro tanto me acontece — exclamou o Frederico.

(Continúa).

Pin-Sél.



NECROLOGIA

MANUEL BARRADAS

Apagou-se esse formoso talento que tanto trabalhou pelo bem do paiz, deixou de palpitar esse bello coração, que tantas desillusões soffreu. Já não existe Manuel Barradas, um dos poucos trabalhadores dedicados, sinceros e honestos; um dos raros que sacrificam todas as commodidades, e a propria saude, aos ideaes levantados, aos empreendimentos sympathicos. Servindo a Patria nas inhospitas regiões africanas; enriquecendo as nossas lettras com valiosas publicações; desenvolvendo a instrução gratuita com as suas primorosas lições de Historia, no Instituto 19 de Setembro; escrevendo e fallando, com profunda erudição e deliciosa *verve*; o nosso infeliz amigo era um exemplo digno de registrar-se e seguir-se. Morreu pobre e honrado.

Alguma cousa ficou de Manuel Barradas que ha de sempre cercar o seu nome de uma auréola sympathica: são a inextinguivel saudade que deixou em todos os seus admiradores sinceros e affectuosos companheiros de trabalho e a sua pequena mas valiosa obra. Se o character deixou brilhante rasto, o talento tambem se affirmou por dois livros que muitos estudiosos hão de consultar e apreciar.

O *general Gomes Freire* derrama muita luz sobre a figura do grande portuguez e benemerito patriota, não só pelos importantes documentos que encerra, mas ainda pelos pontos de vista originaes e sensatas considerações que formam a substancia de tão interessante monographia. Apesar da má vontade que no nosso paiz se manifesta contra todos os escriptores honestos e intelligentes, aquelle livro de Manuel Barradas reuniu largos e geraes elogios da imprensa e, o que vale mais ainda, foi adoptado nas escolas regimentaes. O *Infante D. Henrique* tambem contribue sensivelmente para a historia do inclito navegador, pelos valiosos subsidios que alli se encontram coordenados com lucido criterio, sendo, por isso, igualmente recommendado por uma circular do ministerio da guerra. A par do valor historico d'estes dois livros, nota-se o valor litterario que resalta do primoroso estylo com que estão escriptos.

Conhecemos Manuel Barradas em 1890, por occasião do feroz *ultimatum* ter abalado todas as fibras do coração portuguez. Acompanhámo-lo depois nos trabalhos de reorganisação do partido legitimista, onde elle militou com notavel desinteresse; trabalhámos junctos em varias secções da Sociedade de Geographia e principalmente na fundação do Instituto 19 de Setembro. Nos tempos em que ruins sentimentos animavam alguns insignificantes a combater esta prestimosa e patriótica aggremação, um dos nossos que incutia maior coragem, que trabalhava com mais energia era Manuel Barradas. O seu conselho, a sua palavra amiga vinham sempre a proposito. Amava o Instituto como um pae pode amar um filho e dedicava-nos a amizade de um verdadeiro irmão.

Quando a terra do cemiterio começou a rolar sobre o seu caixão, produzindo um som semelhante ao de uma descarga funebre longinqua, comprehendemos, então, toda a realidade esmagadora e sentimos o vacuo terrivel da sua ausencia... para sempre.

Como complemento do artigo que publicamos no n.º 680 do OCCIDENTE, e para terminar estas ligeiras notas que a morte de Manuel Barradas nos inspirou, damos mais os seguintes elementos acerca do nosso illustre collega:

Manuel Barradas nasceu em Lisboa, a 8 de setembro de 1856 e falleceu na mesma cidade, em 14 de março de 1898. Era filho legitimo de Manuel Joaquim Barradas Sardinha Mergulhão e de D. Maria Luiza do Rego. Tem como irmãos o sr. Julio Augusto Barradas Mergulhão e a sr.ª D. Luiza Candida Barradas Mergulhão.

O nosso saudoso amigo sentia muita predilecção

pelos viagens maritimas, chegando a fazer exame de pilotagem, depois de concluir o curso dos lyceus. Antes de servir na Africa, como conductor de obras publicas, embarcou varias vezes, na qualidade de immediato, visitando, por essas occasiões alguns importantes portos de Inglaterra e da America.

Manuel Barradas descendia de algumas familias muito illustres, taes como Barradas, Sardinhas e Mergulhões. A primeira tem como brazão de armas um escudo, em campo azul, com uma cruz de prata firme, e, nos quatro quartéis, que ficam de campo, em cada um, cinco vieiras de oiro, realçados de sanguineo em santôr; timbre, dois troncos de arvore de oiro, com seus esgalhos, realçados de sanguineo, postos em aspa, e penduradas nos esgalhos, cinco vieiras das armas, em santôr.

O brazão de armas da segunda familia, que citámos, consta de um escudo, em campo verde, contendo uma banda ondeada de prata e azul, carregada de cinco sardinhas da sua côr, em santôr; timbre, uma cabeça de baleia com a bocca aberta e dentro d'ella algumas sardinhas, tudo da sua côr.

Finalmente, a familia dos Mergulhões tem como brazão de armas um escudo, em campo de prata, com uma faixa de agua de azul e prata, sahindo d'ella um leão azul nascente, e no contra-chefe



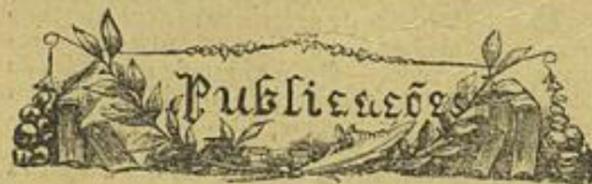
MANUEL BARRADAS MERGULHÃO

FALLECIDO EM 14 DO CORRENTE

uma rosa vermelha aberta; timbre, um leão nascente com uma alabarda de ouro na mão e ferro de prata.

Muitos representantes d'estas familias tornaram-se distinctos nas lettras e nas armas.

Antonio Cabreira.



Recebemos e agradecemos:

A vida do Abba Daniel do Mosteiro de Sceté — Versão ethiopia publicada por Lazarus Goldschmidt e F. M. Esteves Pereira Lisboa Imprensa Nacional 1897.

Na introdução de que se acha precedida esta interessante versão do illustre socio da Sociedade de Geographia de Lisboa sr. Francisco Maria Esteves Pereira, explica-se a importancia do manuscrito agora publicado e fornecem-se indicações curiosas acerca do seu assumpto.

«A vida do Abba Daniel, hegumeno do mosteiro de de S. Macario de Sceté, não é, propriamente

fallando, a biographia d'este monge, contada como geralmente os escriptores coptas costumavam fazel-o, informando o leitor da sua patria e dos nomes de seus paes, do seu nascimento, da sua entrada para a vida monastica, das suas ascetes, das suas virtudes, e por ventura dos milagres operados por sua intercessão, das suas predicas, e em fim das circunstancias do seu fallecimento, é uma homilia, ou antes um elogio funebre ou panegyrico, que devia ser lido no dia do anniversario do fallecimento do abba Daniel. Esta homilia é constituida por uma serie de narrações sem ligação, de que geralmente faz parte, mas de que não é o principal personagem, um abba Daniel, sem que haja a certeza de que todas as narrações se referam ao mesmo monge.

Apezar da forma anecdotica d'esta obra, não deixa todavia, de ter interesse para a historia do christianismo do Egypto, na epoca em que viveu o abba Daniel; sobretudo uma das narrações, aquella em que se referem as perseguições que os orthodoxos soffreram no tempo do imperador Justiniano, confirma a opinião de que o povo egypcio, e sobretudo os monges, tiveram sempre a maior repugnancia, indo até a violencia, em aceitar a doutrina das suas naturezas em Jesus Christo, consignado na *Carta do papa Leão a Flaviano*, patriarcha de Constantinopla, e em admittir os decretos de Chalcedonia.»

Como bem se depreheende, tem este trabalho notavel importancia pelo que diz respeito á historia da Igreja de Alexandria, nas suas variadas manifestações, desde as que se referem ao estabelecimento do Christianismo e perseguições soffridas pelos christãos, até ás que se ligam ao apparecimento e desenvolvimento do monachismo e ao scisma que se separou da igreja romana.

Por todas estas razões, a Sociedade de Geographia de Lisboa incluiu este trabalho no numero das suas contribuições para a celebração do quarto centenario do descobrimento da India, prestando aos traductores merecida homenagem.

Portugal — Centenario da India — *Cartaz-annunciatorio das festas em Lisboa — Lithographia da Companhia Nacional Editora — 1898.*

Da secção lithographica da *Companhia Nacional Editora*, recebemos um exemplar dividido em quatro partes do cartaz-annunciatorio das festas do centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, magnifico trabalho sahido das suas importantes officinas, feito sobre um desenho do conhecido artista Roque Gameiro.

De colorido vigoroso, em que predominam o azul, o vermelho e o branco, dando assim semelhanças do pavilhão tricolor, e de desenho largo, o cartaz é de seguro bom effeito. Sobre um fundo azul ferrete, que parece imitar a parte do filelo da mesma côr posta na nossa bandeira por D. Pedro IV, assenta uma cruz de Christo, vermelha, esmaltada de

branco, e sobre ella indicada vagamente a esphera armillar, insignia manuelina, que serve de fundo a um galeão portuguez do século xv, em cujo velame enfunado se vê a cruz de Christo, e nos topes a bandeira das Quinas.

No angulo inferior esquerdo, está collocado um brazão d'armas portuguezas, mas que não é o de D. Manuel nem o actual, e o lugar mal escolhido, pois que põe as sagradas Quinas a um canto, quando deviam encimar fidalgamente o bello cartaz. No angulo direito inferior lê-se o programma das festas.

É contudo um bello trabalho, tendo o grande valor de ser nacional.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSÃO DE

ESTEVES PEREIRA

Um volume illustrado com uma linda capa impressa a duas côres, 200 réis.

A venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39